

## Sobre uma Conversa com Renato Ferraz

*José Carlos Pinheiro<sup>1</sup>*

Renato Ferraz era Antropólogo, nasceu em 22 de setembro de 1934 e faleceu em 02 de setembro de 2002, dirigiu por mais de 16 anos o Museu de Arte Moderna da Bahia, trabalhou na Secretaria da Cultura e Turismo. Era detentor de profundo conhecimento dos sertões euclidianos, de Canudos e Antônio Conselheiro, pesquisador do Centro de Estudos Euclides da Cunha-CEEC da Universidade do Estado da Bahia-UNEB, proferiu diversas palestras, seminários e concedeu entrevistas para jornais e revistas, coautor da Cartilha Histórica de Canudos. Ferraz por indicação do amigo Jorge Amado acompanhou o escritor peruano Mario Vargas Llosa, quando este esteve colhendo subsídios pelo período de um mês nos sertões da Bahia, se preparando para a elaboração da sua obra literária *A Guerra do Fim do Mundo*. Para Renato a experiência com Llosa foi positiva e enriquecedora, que ganhou um amigo precioso o qual, inclusive,

---

<sup>1</sup> Advogado, historiador, pesquisador e estudioso do Episódio de Canudos.

ajudou-o “a ver” Canudos por outros aspectos que lhe havia escapado. Foi um dos criadores do Parque Estadual de Canudos-PEC.

Em meados da década de 90, concedeu-me uma entrevista a que intitulei: *Guerra de Canudos: quem não ficou calado, botou fogo!* Na oportunidade tratou de questões de grande relevância para um melhor entendimento de temática tão apaixonante e arrebatadora, como foi o A Guerra de Canudos (1896-1897), para a historiografia baiana e brasileira.

O mestre Ferraz, abordou fatos como a Quebra das Tabelas em Natuba, atualmente Nova Soure e não em Bom Conselho, hoje Cícero Dantas, quando Antônio Conselheiro (1830-1897) reuniu o seu séquito num dia de feira e autorizou arrancar das paredes e queimar os editais de cobrança de impostos, circunstância que envolveu o Juiz de Direito Arlindo Leone (1869-1936) e que também estaria implicado no chamado “Incidente Desvalioso” re-

ferente ao madeirame encomendado em Juazeiro-Bahia, ao Cel. João Evangelista Pereira de Melo, para construção da Igreja do Bom Jesus em Belo Monte, cuja entrega não ocorreu no prazo estabelecido, até a mobilização dos setores oligárquicos inquietos com o crescimento vertiginoso do povoado Conselheirista, que Euclides da Cunha, trata em Os sertões.

Dá conhecimento também da 1ª Expedição a Canudos, sob o Comando do Tenente Pires Ferreira, do 9º Batalhão de Infantaria, em novembro de 1897.

Discorre sobre a 2ª Expedição sob o comando do Major Febrônio de Brito, que foi bastante polêmica, do ponto de vista dos desacordos entre o General Frederico Solon e o Governador Luiz Viana e as estratégias empregadas no combate aos Conselheiristas durante a derrota da 1ª Expedição.

Ferraz argumenta sobre os prováveis critérios para a escolha do Comandante da 3ª Expedição, o Cel. Antônio Moreira César, que tinha o apelido de o “Corta-Cabeças”, que veio para Bahia “lavar a honra do Exército Brasileiro” e dar um basta no enfrentamento com o séquito do beato.

Acreditava-se piamente na época que: “Todas as vistas esperanças convergem para o tino, bravura e perícia do Sr. Coronel Moreira César” e que resultou numa debandada geral da Expedição do polêmico Coronel, sendo alvo da chacota popular como documentou o mestre José Calasans no livro Canudos na Literatura de Cordel, os versos do poeta João Melchíades Ferreira da Silva em A Guerra de Canudos.

“Levantou-se o Canudos  
Qual marimbondo assanhado  
Com grande fuzilaria  
Entrou a morrer soldado  
Foi logo Moreira César  
Gravemente baleado”.

Uma outra diz:

Escapa, escapa soldado  
Quem tiver perna que corra  
Quem quiser ficar que fique  
Quem quiser morrer que morra  
Há de nascer duas vezes  
Quem sair dessa gangorra.

E a seguinte:

Queimadas telegrafou  
Para o Rio de Janeiro  
Morto Moreira César  
Vítima do Conselheiro  
Esta notícia assustou  
Todo Exército Brasileiro.

E  
Jeremo  
(1838-1  
terra n  
influent  
tinha se  
ro, um  
dem e c  
em verc  
dos nur

Fé  
ta certe  
Cunha  
ele a ob  
gua por  
incomet  
afirma:  
ciam en  
gardas;  
se estor  
peças d  
-se; des  
carreira  
rendo a  
em ban  
estradas  
corrend  
tontos, a

Enfatiza a respeito do Barão de Jeremoabo, Cícero Dantas Martins, (1838-1903), poderoso proprietário de terra na região de Itapicuru, político influente, grande articulista, também tinha seus temores, “via em Conselheiro, um elemento perturbador da ordem e do trabalho em sua região” que em verdade significava o pensamento dos numerosos proprietários locais.

Ferraz endossaria com absoluta certeza a narração de Euclides da Cunha em “Os Sertões” por ser para ele a obra maior da literatura em língua portuguesa, a sua admiração era incomensurável pelo autor quando afirma: “Oitocentos homens desapareciam em fuga, abandonando as espingardas; arriando as padiolas, em que se estorciam feridos; jogando fora as peças de equipamentos; desarmando-se; desapertando os cinturões, para a carreira desafogada; e correndo, correndo ao acaso, correndo em grupos, em bandos errados, correndo pelas estradas e pelas trilhas que recortam, correndo para o recesso das caatingas, tontos, apavorados, sem chefes...”.

Na entrevista Ferraz relata ainda fatos como o que envolvendo o Padre Sabino e o Coronel Tamarindo, Partes de Combates, Conjuntura da Época, A Imprensa, Governo, Comitê Patriótico, Manifesto dos Estudantes de Direito e de Medicina, Parque Estadual de Canudos e outros temas.

No desenrolar da entrevista tivemos a participação de algumas personalidades como Oleone Fontes, José Dionísio Nobrega e Nivaldo, aqui referido era um pernambucano de Olinda que se fazia sempre presente nas celebrações de Canudos a exemplo dos eventos de 1993 e 1997, nos últimos anos não mais frequentou a região. O texto transcrito contou com a colaboração de Mônica Teixeira Amorim que contribuiu na edição da entrevista.

Iniciais referentes aos participantes da entrevista:

**RF** – Renato Ferraz

**JP** – José Pinheiro

**OC** – Oleone Fontes

**DN** – Dionísio Nobrega

**N** – Nivaldo

RF - A questão do Arlindo Leoni,<sup>1</sup> episódio Arlindo Leoni ou da Quebra das Tabelas<sup>2</sup> em Bom Conselho, e que como eu disse a vocês eu discuto que tenha sido em Bom Conselho, mas o episódio do Arlindo Leoni, não há nenhuma dúvida que foi lá, esse episódio do Arlindo Leoni, tiveram consequências, consequências graves, ao que consta, o governo não tinha outro meio, a não ser de retirar o Dr. Arlindo Leoni da política como Juiz de Direito de Bom Conselho, hoje Cícero Dantas<sup>3</sup> e mandá-lo para outra cidade, e ele foi para Juazeiro.

Chegando Antônio Conselheiro em Canudos em 1º semestre de 1893, talvez pudéssemos dizer 1º quadrimestre de 1893. De 1893 a 1896, o prestígio de Antônio Conselheiro parece que aumenta, torna-se muito maior do que no tempo em que Antônio Conselheiro andava palmilhando os sertões, então, já não é mais Antônio Conselheiro

que vai ver os seus seguidores, são os seguidores que vão ver Antônio Conselheiro e há uma verdadeira romaria de indivíduos desde o Litoral Norte e dizem até do Ceará, Pernambuco, Alagoas e de todo canto, pessoas que vão a Canudos em romaria ver Antônio Conselheiro, desses muitos ficam, ou-

tros já saem com a intenção de morar em Canudos.

Há na tradição oral, uma lenda que mostra que havia um proselitismo de parte dos moradores de Canudos, aquela coisa, se fosse para Canudos, o rio tinha a riban-

ceira, o rio era de leite com as margens de cuscuz, havia e isso é um fato a ser esclarecido, se é que isso ocorreu, um interesse de levar o maior número de pessoas para Canudos, qual seria a razão desse interesse, quem seria o motor desse interesse, eu acho que é uma questão importante a esclarecer, o fato é que com o aumento dessa população,

## *Guerra de Canudos: Quem não ficou calado, botou fogo!*

a fama de parte de Canudos faladas pelos e Antônio Conselheiro que aur aquele p mentar igreja e “Igreja que ger envio do Exército da lícia da

O de caat uma região certo porças, outro fício de como se peças de em Juazeiro que ridades era pare sim, ver cipadano não hou

a fama de Canudos aumenta o medo de parte dos que não eram partidários de Canudos também aumenta, as tão faladas incursões de bandos de jagunços pela região também aumentam e Antônio Conselheiro também tem que aumentar a igreja para caber todo aquele povo, na impossibilidade de aumentar a igreja, ele resolve fazer outra igreja e é a feitura dessa nova igreja, da “Igreja Nova” como ficou conhecida, que gera a ocorrência que termina no envio de uma 1ª Expedição, dessa vez, do Exército Brasileiro, não mais da Polícia da Bahia contra Canudos.

Ora! Canudos está numa região de caatinga, conseqüentemente, de uma região desprovida de árvores de certo porte, para fazer cumeeiras, terças, outras peças de telhado de um edifício de dimensões bastante razoáveis, como seria a Igreja Nova, então, essas peças de madeiras são encomendadas em Juazeiro, e ao que consta, o vendedor que era uma pessoa ligada as autoridades locais, se não era o Delegado era parente do Delegado ou coisa assim, vendeu, recebeu o dinheiro antecipadamente e vamos admitir até que, não houvesse desonestidade, talvez ele

tivesse tido, até dificuldades de cumprir o trato num prazo útil, dificuldade de conseguir madeiras ou madeiros das dimensões que o edifício da Igreja Nova necessitava.

É então que o pessoal de Canudos esperando, esperando e se mandava gente lá, eram promessas, é hoje é amanhã e afinal, marca-se um dia, o povo sai todo, aqueles homens todos, para carregar nos ombros aquelas madeiras, isso fazia parte daquelas penitências de Antônio Conselheiro e chega lá, não vêm, não está pronta, marca outro dia, se vai de novo e parece que numa terceira vez o encarregado diz para o vendedor que da próxima vez que viesse e não tivesse a madeira que apelaria para violência, que o mataria ou faria qualquer coisa do gênero, este homenzinho ao que consta, vai queixar-se ao Juiz que era o mesmo Arlindo Leoni do episódio de Bom Conselho, é indubitável porque existe um documento que Arlindo Leoni passa um telegrama terrorífico ao governador Luiz Viana,<sup>4</sup> vendo a cidade ameaçada de ser invadida pelo pessoal de Antônio Conselheiro, que, diga-se de passagem, não gozava de boa imagem aqui entre

os Soteropolitanos, invadir, matar todo mundo e causar prejuízo, inclusive o texto desse telegrama é conhecido da comunidade.

O governador estava nessa época enfrentando problemas do gênero também na Chapada Diamantina, nós comprovamos isso no Arquivo da Polícia Militar, boa parte dos efetivos da Polícia Militar estava próximo na Barra da Estiva, Lençóis, então, resolve o governador Luiz Viana, Conselheiro Luiz Viana, pai do Senador, apelar para o Comandante do 3º Distrito Militar, que equivalia hoje ao Comandante da 6ª Região Militar, que era por coincidência o General Sólton Ribeiro,<sup>5</sup> sogro de Euclides da Cunha, ao que parece, as relações do General Sólton Ribeiro com Luiz Viana, não eram muito boas e houve relutância do General em ceder tropas para ficar sob o comando do Governador, havia também o problema da Intervenção Federal, se no caso, de Tropas Federais terem de restabelecer a ordem pública no Estado, se também, não seria caso de Intervenção por incapacidade do governante, manter a ordem no seu Estado? Ele deveria pedir a Intervenção Federal, mas nesse

caso, ele também perdia, seria afastado e uma autoridade designada pelo Governo Federal, passaria a comandar o Estado, isso me parece que é a origem do movimento chamado Autonomista Baiano.

O fato é, que depois de muitos contratempos e chega pra lá e chega pra cá, é que sai a 1ª Expedição, conhecida como Expedição Pires Ferreira, que como o pedido vem de Juazeiro, sai centenas de soldados do Exército comandado pelo Tenente Pires Ferreira, para Juazeiro e lá, também, por razões que não estão até hoje muito claras, o Tenente é convencido a seguir em vez de guarnecer a cidade, como é, o que parece, que o Governador tinha mandado era que o Arlindo Leoni solicitava, era segurança para a cidade, a cidade estava ameaçada de ser invadida, então, se a tropa vai é para guarnecer a cidade, mas, imediatamente, quase ao chegar, o Pires Ferreira foi convencido a seguir adiante e vai para Uauá, que estaria a menos de 50 km de Canudos.

Estando ele em Uauá, um dia pela manhã 05h00min horas da manhã dá-se o choque, ai, eu me eximo de fa-

lar, por  
Cunha  
com os  
inclusiv  
forma d  
Divino,  
e o choc  
dos esta  
que, est  
em Uau  
dizer, q  
lação da  
cidade,  
que, por  
metidas  
fora de c

Eu  
50, era u  
hoje voc  
em vista  
pole, na  
como eu  
não enc  
exatame  
nudos, r  
Uauá, ná  
mer, enc  
nha velh

O  
que, em

lar, porque a descrição de Euclides da Cunha do encontro de Pires Ferreira com os jagunços, me parece perfeita, inclusive de que vinha os jagunços em forma de procissão com a Bandeira do Divino, na frente cantando e rezando e o choque se dá quando alguns soldados estavam tomando banho no tanque, este tanque ainda está lá até hoje, em Uauá, e começam o tiroteio, deixe dizer, que a população civil, a população da cidade, já tinha evacuado a cidade, fugido apavorados, uns dizem que, por causa das arbitrariedades cometidas pela tropa, botando gente para fora de casa para ocupar.

Eu conheci Uauá, na década de 50, era um negócio de louco, imagine hoje você, vê 60 anos antes, ah! Mais em vista do que foi, hoje é uma metrópole, na década de 50, você chegava ali, como eu cheguei, 9h: 00min das noite não encontrava um pão para comer, exatamente nessa passagem para Canudos, numa dessas, fomos bater em Uauá, não achamos um pão para comer, encontramos uma lata de sardinha velha e enferrujada e comemos.

O Pires Ferreira, depois do choque, em que ele diz na Parte de Com-

bate,<sup>6</sup> que a partir disso a gente passa a ter relatos, relatos parciais, mas de qualquer forma relatos, porque de acordo com as normas militares o Comandante de qualquer destacamento, de qualquer Unidade, tem que fazer uma Ata chamada Parte de Combate e ela é um relato mais detalhado possível que ocorreu, com horas, com o pessoal que foi envolvido, apreciações a respeito dos opositores, do número, distância, todas as dúvidas. Evidentemente que esta é a visão do lado do Pires Ferreira, mas de qualquer forma é a visão de um lado, infelizmente não se tem a do outro, mas, pelo menos, tem de um lado.

Então, com relação á hora, número de pessoas envolvidas etc., essas Partes de Combate, a meu ver, são bastante dignas de crédito, porque os Regulamentos Militares eram muito rigorosos, naquela época, a respeito desses relatos, que os Oficiais deveriam fazer, o fato é ao que consta em número de indivíduos mortos e feridos o Pires Ferreira, levou de longe vantagem, porque não é difícil de imaginar não, jagunços naquela época com suas armas de caça, o pessoal já com fuzis,

gente acostumada a guerrear, Uauá está num plano, o pessoal se expôs, os invasores se expuseram, eles entrincheirados dentro das casas, havia boas condições de tiro, então, é um risco pensar que, realmente, que as baixas infligidas pelo Pires Ferreira, foram bem maiores que a que ele tinha sofrido, mas ele resolve retirar, inclusive com a desculpa que o médico<sup>7</sup> da Expedição, o único médico, enlouquece, ele se extravia, ele retorna para Juazeiro e de Juazeiro para Salvador, chega aqui em Salvador dois, três dias depois, relata ao General o que ocorreu e aí, a coisa por ter bulido com o Exército, não podia ficar sem o revide, ainda mais que os jornais aproveitam exploram bastante a coisa, e então, é preparada uma 2ª Expedição.

### A 2ª Expedição

Sob o comando do Major Febrônio de Brito, essa já é, uma Expedição mais numerosa, ela se distingue da do Tenente Pires Ferreira, a meu ver, porque é maior, leva armas pesadas, de artilharia, canhões e metralhadoras, e também foi preparada, já a tropa do Pires Ferreira, parece ser mais um que-

bra galho, quando alguma cidade era ameaçada de ser invadida, juntava-se aí cem homens, pegava um Oficial e mandava para lá, para guarnecer a cidade. Mas, já a de Febrônio, tem um caráter não de um grupo armado, que vai guarnecer ou garantir uma cidade, mas, uma expedição punitiva, vai para mostrar ao pessoal de Antônio Conselheiro, que o “Braço do Exército”, não pode ser pisoteado em vão.

Apesar de tudo isso, e aí também, outra característica da 2ª Expedição, é que, tornam-se mais ou menos públicos e acentuam-se, muitos desacordos entre a autoridade militar e o governador, porque o governador dava uma ordem o general dava outra. E essa Expedição, já seguiu outro caminho, foi para Queimadas de trem, não foi mais por Juazeiro, tentando naturalmente atingir Canudos via Monte Santo, como fazem, aliás, as outras Expedições que sucedem.

Depois de marchas e contramarchas, ele segue e ao chegar à Serra do Cambaio, talvez não mais do que duas léguas de Canudos, dá-se um combate inicial, ele consegue debaixo de fogo,

galgar a  
embaixo  
leirinho  
dio da L  
nome d  
pessoas  
dos, são  
geralme  
morrangi  
quer est  
hemorra  
há uma  
repor o  
com o  
jagunço  
e aí mo  
tingiam  
nome, d  
ginalme

N  
parece  
baixas i  
compara  
baixas i  
particul  
de de ha  
seria fá  
foi exte  
e quand



galgar a Serra com a tropa e depois, embaixo, num lugar chamado Taboleirinhos, até que veio então, o episódio da Lagoa de Sangue, que toma esse nome de Lagoa de Sangue, porque, as pessoas na guerra, os mortos e feridos, são por perfuração, elas morrem geralmente por hemorragia, seja hemorragia interna ou externa e qualquer estudante de medicina sabe que, hemorragia dá uma sede devoradora, há uma necessidade do organismo de repor os líquidos, água que se perde com o sangue, então, parece que os jagunços feridos se banham na Lagoa e aí morria, então, o resto do sangue tingiam as águas da lagoa e ficou esse nome, de Lagoa de Sangue, porque originalmente teria outro nome.

Nesta 2ª Expedição e ao que parece mais do que na primeira, as baixas infligidas aos jagunços, são incomparavelmente maiores do que, as baixas infligidas aos militares e nesse particular, eu descartaria a possibilidade de haver uma mentira, porque isso seria fácil de averiguar, a expedição foi exterminada, não voltou ninguém e quando a Parte de Combate diz que,

só foram quatorze ou quinze soldados, isso daria depois o seguinte: os Regulamento Militares eram rigorosos, quando tinha que dizer o nome dos mortos, os nomes dos feridos, isso está feito, o cálculo dos jagunços que morreram, bem esse ficava por conta do Comandante dos Oficiais e no caso, eles dão um número bastante avantajado, mas, curiosamente Febrônio não leu a Parte de Combate de Pires Ferreira, certamente não leu, porque Pires Ferreira aponta, desde o início, todas as deficiências, que o exército tinha para lutar no sertão, caiu pelos mesmos e tem que retirar para Monte Santo.

A meu ver é outra característica da 2ª Expedição é que ele faz uma retirada estratégica, uma retirada organizada, dentro das normas militares, sem perder nenhum homem, sem correr, como foi o caso de Pires Ferreira, que saiu corrido e que vem depois do Febrônio da 3ª Expedição, que foi a que mais correu, essa parece que, uma espécie de maratona, segundo as próprias Partes de Combate.

OC - Nessa Expedição de Febrônio existe uma particularidade que

alguns escritores apontam é que os jagunços teriam levados a uma armadilha, a uma emboscada na Serra do Cambaio.

**RF** - Mas isso ele derrubou, inclusive era um local que eu já assinalei, que quando nós fazíamos Antropologia Física, nós tínhamos aqui, essa moça Heloísa Kuser, porque lá dentro devem estar os esqueletos perfeitos conservados de jagunços, você conhece o episódio? “O tiro” O Febrônio dá o tiro e a pedra cai e sepulta o pessoal, quer dizer o uso da artilharia permitiu certas coisas e ciladas. Depois que nós trabalhamos um pouco lá no Parque Estadual de Canudos – PEC<sup>8</sup>, sobretudo com o Arqueólogo- histórico, Paulo Zanettini, que trabalhou conosco, ficou claro para nós, que a tática geral dos jagunços era da caçada, era de emboscar, atrair para um local favorável, toda estratégia militar deles, isso para nós ficou claro e no Cambaio foi assim também e a única vez em que eles se deram mal com isso, foi na 4º Expedição com o Gen. Savaget, na Serra do Cocorobó, quando Savaget, consegue

dar uma carga de baioneta em cima da Serra e consegue embaionar.

**OC** - Mas consegue também usando artilharia.

**RF** - Não! Carga de baioneta, pela Parte de Combate, carga de baioneta, depois quando eles descem, inclusive há um confronto em que pela primeira vez os jagunços correm, tanto que, o Batalhão a força de Savaget, ficou conhecida como “Batalhão Talentoso”.<sup>9</sup>

**OC** - Eles não correm, eles tomam uma retirada estratégica.

**RF**- É o tal negócio, se a gente admitir isso, alguém que esteja do lado do Exército, pode dizer também, que quando eles correram, foi uma retirada estratégica, o fato é que, corre soldados por toda parte, correram, fosse por estratégia ou não fosse, abandonaram o campo de luta porque não puderam segurar a coisa, isso foi à primeira vez, e uma das raras em que isso ocorreu e daí a admiração que eles tinham, e recebeu esse nome Batalhão Talentoso pelo pessoal de Salvador.

Bo  
tirar em  
refazer  
Queima  
a impre  
“Major F  
Co  
nio de B  
jão”, isso  
ção clara  
deveria d  
posso me  
vocês que  
eu penso  
nhã mud  
ra de Ca  
as causas  
estavam r  
to mais e  
de Janeiro  
então, tod  
apelidos d  
do dimini  
naturalme  
tivos polí  
“bolada” p  
influência  
você passa  
do Exércit

Bom! Mas o Major consegue retirar em ordem para Monte Santo e se refazer em Monte Santo, voltar para Queimadas o que não o impediu que a imprensa o chamasse, o batizasse de "Major Fujão".

Com o retorno do Major Febrônio de Brito e o apelido de "Major Fujão", isso para mim tem uma explicação clara, é uma coisa que eu posso, eu deveria deixar isso para o fim, mas não posso me furtar à tentação de dizer a vocês que se eu tiver que resumir o que eu penso realmente hoje, posso amanhã mudar, sobre as causas da Guerra de Canudos, eu diria a vocês que, as causas da Guerra de Canudos não estavam nem aqui em Salvador, quanto mais em Canudos, estavam no Rio de Janeiro, Canudos foi um pretexto, então, toda essa posição da Imprensa apelidos de "Major Fujão", e procurando diminuir o Exército, que ali tinha naturalmente fatos, isso tinha objetivos políticos claros, era uma coisa "bolada" para desgastar, mas isso não influenciou os militares, daí em diante, você passa a ver as atitudes, é a honra do Exército que esta em jogo e depois,

vira coisa charginha nos jornais de "Major Fujão", Antônio Conselheiro de cajado, ameaçando o major e o major correndo na frente do Conselheiro atrás com o cajado levando uma paulada nessa ordem que os militares não têm muito senso de humor para está importando com esse tipo de coisa, então, resolvem dá um ponto final e para dar esse ponto final, ninguém no Exército estava mais preparado do que o Cel. Antônio Moreira César, esse a Imprensa não apelidou não, ele já veio com apelido o "Corta-Cabeça".

Esse homem realmente era uma personalidade curiosa e os fatos mostraram que era porque da Guerra de Canudos, de todos os milhares de pessoas que andaram envolvidos, duas personalidades sobressaem Antônio Conselheiro e Moreira César. Na Tradição Oral inúmeras pessoas dizem que Moreira César que ganhou, que a última expedição o General Arthur Oscar não recuou, o mínimo de pessoas sabem quem foi Arthur Oscar, quando não Moreira César morreu? Não! Eu acho que ele voltou depois e foi ele que venceu! Foi o César! Eu te-

nho gravação que, foi o César! Foi Moreira César que venceu! Tinha outro General também, mas o César que era madeira mesmo.

JC – Coronel Moreira César nó de cana caiana, tomou chumbo na caatinga e foi morrer nas Umburanas.

RF – Coronel Moreira César nó de cana caiana, tomou chumbo na caatinga e foi morrer nas Umburanas.

Oh! E o Moreira César parece que fazia jus a essa fama de homem desabrido, valentia quase alucinada porque era um homem que inclusive tinha perturbações psíquicas, pelo fato dele ser epilético, sabe-se hoje que a epilepsia não torna ninguém doido, não é doença mental, epilepsia é um distúrbio de natureza nervosa, mas que cria temperamentos instáveis, elementos que têm focos cerebrais, epilepsia é uma forma mais aguda de foco cerebral, são pessoas de temperamento instáveis, temperamento psicoativos, que passam da euforia a depressão e o Moreira César, era um indivíduo de uma coragem desassombrada, machão, inclusive o que impressiona no sertão é o machismo de Moreira César, aquela

história do herói, nada, nada impressiona mais do que o macho arretado, e Moreira César já chega quente, mal cumprimenta o Governador quando chega aqui, pede logo um trem para seguir, segue, lá vai como um louco e aí, tem toda uma série de histórias a respeito de Moreira César, ele foi realmente com Antônio Conselheiro, foram os dois grandes personagens do episódio Canudos que ficaram na memória do povo.

No episódio de Alagoinhas em que as senhoras vão levar uma corbélia de flores, “nós esperamos que senhor volte vitorioso, acabe com essa ameaça que pesa sobre nós, vamos pedir a Nossa Senhora”, ele recebeu a corbélia, pegou na espada e disse: “Nossa Senhora é essa daqui!” Arthur Oscar entrou no trem e ele deixou as senhoras lá.

Aquela coisa de que em Monte Santo quando voltasse ia mandar buscar a Santa Cruz lá em cima para fazer um churrasco. Tinha também aquele incidente com o Padre Sabino, no qual ele jantou com o Padre Sabino e o Cel. Tamarindo, onde o padre estava amarrado debaixo da mesa, e ele chegava

assim e abria os dentes do padre, então ele dizia “Cel. Tamarindo quantos anos esse burro velho têm?” Aí o seu Tamarindo dizia, “Coronel, pelo amor de Deus, ele é um padre, é um velho” e ele respondia “nada, isto aqui é gente do Conselheiro, nós vamos levar na frente conosco” não se sabe, se é verdade ou mentira, o fato é que existe todo esse imaginário sobre Antônio Moreira César.

DN – Qual o critério para escolha de Moreira César?

Eu não tenho uma documentação para lhe exibir a respeito disso, agora eu tenho alguns fatos para nós considerarmos, não há nenhuma dúvida que Moreira César era um ardente florianista, existem poucas dúvidas, de que ele era considerado o sucessor de Floriano e se esforçava provavelmente muito para isso, tendo a imagem semelhante à de Floriano, ele havia participado de episódios públicos de violência no Rio de Janeiro, inclusive apunhalamento de (...) jornalista, essa coisa de vingar a honra do Exército (...) e também não há nenhuma dúvida que ele era um dos mais ferrenhos

anti-monarquistas e, além disso, um oficial brilhante, sempre vitorioso, fez uma carreira militar rápida, acabava de chegar lá do Sul, onde havia sufocado à bala e a ferro e fogo (...) lá no Contestado, era o homem indicado para lavar a honra do Exército, e ele deve ter recebido muito alegremente essa missão, dá forma como ele chegou, chegou no maior embalo, saiu quente!

Inclusive as Parte de Combate, relatam episódios que até deveriam estar melhor no folclore normal, na lembrança das pessoas, do que nas Partes de Combate, mas consta das Partes de Combate que ele manda inclusive ao chegar nas Baixas, dá um tiro de canhão para avisar Antônio Conselheiro que ele ia almoçar dentro de Canudos e contra a opinião do Estado Maior, ele em vez de dar descanso as tropas, ele resolve fazer o assalto naquele mesmo momento, tendo a tropa cansada de marchar desde de manhã cedo, ele tinha tido um ataque de epilepsia não estava em boas condições, o médico tentou dissuadi-lo, mas, o bicho era, queria ser, a encarnação de Floriano,

macho arretado que vai acabar com tudo.

E o resultado a gente já sabe qual foi, que pelo meio da tarde, ele já estava mortalmente ferido, com dois tiros, eu tenho um depoimento de um indivíduo que diz que ele foi atingido por um soldado, não por um jagunço, me disse o Prof. Calasans, que correu esse boato, curiosamente eu confrontando o relato oral desse camarada com a Parte de Combate, a coisa coincide, mas de uma forma ou de outra ele vai mortalmente ferido e no dia seguinte às cinco da manhã ele era cadáver, claro, mas isso tudo está na Parte de Combate, a leitura da Parte de Combate esclarece muito bem isso.

Mas de qualquer modo, ele organizou a 3ª Expedição Moreira César, mas foi a 1ª Expedição que entrou em Canudos, porque, uma Ala do Batalhão Moreira César e o Corpo da Polícia Baiana, o 4º e 5º Batalhão de Polícia da Bahia, sendo o 5º Batalhão formado por Jagunços, que se destacaram muito pelos jagunços que ocuparam o São Francisco, então, conheciam as mesmas técnicas dos jagunços de Antônio

Conselheiro. Eles entraram e chegaram a 200 metros do Santuário de Antônio Conselheiro e depois do Santuário, quando ele vai ferido, o Coronel Tamarindo assume a ideia de retirar, ele vai contra, ameaça de pedir Conselho de Guerra, mas às 05h00minh da manhã ele morre, e começa a retirada e aí a jagunçada investe e foi aquela dispersão, e para relatar bem o que foi essa retirada nada melhor do que a Parte de Combate do Tenente Pradel, o oficial que faz a Parte de Combate para o superior dele, mas condenando como covarde o próprio superior, o que mostra que no Exército havia possibilidades para isso, ele ridicularizava o Major Cunha Matos que era o superior imediato dele, inclusive entra em Queimadas e não cumprimenta Cunha Matos e os outros oficiais, e manda a Parte de Combate para Cunha Matos despacha e isso mostra que o Exército não era assim, tão malandro que aquela Parte de Combate deveria ter dado sumiço logo, você precisa ler, é um negócio, é um libelo terrível.

**DN** - Esses documentos vocês microfilmaram?

F  
publica  
car Ar  
Exércit  
Guerra  
guir atr  
J  
formar  
próprio  
selheiro  
O  
5º Batal  
Bahia, c  
Arquivo  
polícia l  
o 5º, ess  
hia, ele  
Moreira  
pelo me  
co, porq  
Antônio  
nós prec  
Frederic  
jagunços  
São Fran  
JC  
RF  
sertão qu  
Conselhe

**RF** - É essa parte também está publicada no **livro do Tristão Alencar Araripe**<sup>10</sup>, que é da Biblioteca do Exército que chama “Verdade sobre a Guerra de Canudos”, você pode conseguir através da Biblioteca do Exército.

**JC** - Como o exército conseguiu formar o 5º Batalhão de jagunços se os próprios jagunços lutaram com o Conselheiro como seguidores?

O Exército não conseguiu esse 5º Batalhão era da Polícia Militar da Bahia, daí o nosso interesse pegar os Arquivos da Polícia Militar, porque a polícia lutou com dois Batalhões o 4º e o 5º, esse 5º pertencia a Polícia da Bahia, ele foi incorporado às tropas que Moreira César trouxe e foi formado pelo menos na Região do São Francisco, porque jagunços não havia só com Antônio Conselheiro. A história que nós precisamos fazer é um estudo com Frederico Pernambucano de Melo, os jagunços provavelmente vinham do São Francisco.

**JC** - E a questão da fé?

**RF** - Não, ali havia muita gente no sertão que também não tinha Antônio Conselheiro como uma “pessoa santa”,

era um número pequeno, mas havia, nem todo mundo foi na de Antônio Conselheiro.

**JC** - Seriam verdadeiros mercenários?

**RF** - Ah! Sim! Porque o próprio Exército da época, essa era outra peculiaridade que o pessoal esquece, mas que eu acho que é um ponto importante para ser considerado, se fizer um estudo da História Militar que se passou em Canudos do ponto de vista da História Militar.

O Exército Brasileiro na época não formava soldados como hoje o Serviço Militar Obrigatório, o Exército só formava Oficialidade, os soldados eram recrutados, eram pegos na rua, cercavam-se as ruas e pegava-se com a polícia e levava no pau, eram voluntários a força, na marra incorporava.

Então, na realidade, o que se passava em Canudos, o grosso do que se desenvolveu ali era um choque de civis com civis, porque não é um fato de você enfiar pela cabeça viva, a força uma farda num indivíduo, que faz dele um militar, não, ele continua civil, agora, os oficiais não, os oficiais

tinham uma formação, uma aculturação, eram militares e a polícia procedia do mesmo jeito, esse pessoal recrutava na marra, para servir a polícia, então, esses jagunços provavelmente vieram do São Francisco, a região inclusive é o lugar onde Luiz Vianna era originário, tinha muito prestígio, já havia os coronéis do São Francisco com as fazendas cheias de jagunços, a fama desses jagunços, muitos anos depois, era grande, no livro de João Alberto Luiz de Barros, “Memória de um Revolucionário”, ele conta as peripécias dele com a Coluna Prestes, ele fala que: “saí do território da Bahia, o Coronel Franklin Albuquerque, botou um grupo de jagunços sobre eles, disse que, eram os mais terríveis inimigos do cangaço, esses jagunços do Coronel Franklin, era de uma perversidade sem limite, a Coluna comeu fogo”.

Bom! Depois desse episódio de Moreira César, Canudos não tinha mais jeito, não havia mais quem salvasse Canudos, ali agora tinha que ser o extermínio e a imprensa mais uma vez, você vê perfeitamente ali no livro de Walnice Galvão,<sup>11</sup> sem precisar ver

coleções de jornais, você ali sentado em sua casa, na sua rede, lá no Recife com o seu cigarrinho, você vê ali a imprensa insuflando o Exército a fazer um extermínio, não se pede a vitória não, se pede o extermínio e daí vem o problema, que era o extermínio.

Era honra da República, era a honra do Exército, a segurança da Nação, a República está em perigo, tem estrangeiros no meio é a Inglaterra que manda armas, toda aquela coisa e a Guerra termina no dia 5 de outubro de 1897 e no dia 6 chega à notícia aqui, no dia 10, Petion de Villar<sup>12</sup> publica aquele célebre soneto em francês..! É a hora dos políticos e dos jornalistas que estavam dentro da imprensa, à imprensa estava a serviço da política, mas muito mais diretamente do que está hoje, todo político tinha um jornal, para jogar a culpa toda para cima do Exército, mais lendo a conduta, a gente vê que, o Exército foi levado, a sociedade civil exigiu e eu já não diria que fizeram isso contra o status, devem ter feito alegremente, mas dizer que aquilo foi iniciativa dele não foi não, a imprensa e fora certos episódios isolados, que

mostra  
ca que  
seja: ac  
sa, “qu  
que ter  
Supren

J  
e ficou  
Nós ter

F  
dizer, e  
lia jorr  
sando  
sabia?  
mínio,  
negóci  
que aq  
ção, o c  
sobre e  
Canudo  
ção pol  
ço arm  
de gaia  
conscie  
gente v  
ou inco  
é que e  
atender  
eram e



mostram perfeitamente a trama política que estava por detrás daquilo como seja: aquelas declarações de Rui Barbosa, “que se soubesse que ia haver aquilo que teria impetrado um Mandado ao Supremo Tribunal Federal”

**JP** - Ele escreveu alguma coisa e ficou guardadinho, ficou na gaveta? Nós temos esses documentos.

**RF** - Sim, mas é o seguinte, quer dizer, ele não sabia gato e cachorro que lia jornal, sabia o que estava se passando em Canudos, Rui Barbosa não sabia? Só depois que foi feito o extermínio, foi que ele soube quer dizer um negócio de araque! Você está vendo que aquilo tudo é uma grande armação, o que eu penso agora para resumir sobre esse aspecto sobre o episódio de Canudos é que foi uma grande armação política na qual o Exército, o braço armado da sociedade civil entrou de gaiato, você vê interesses políticos, consciente ou inconscientemente, a gente vai poder saber se foi consciente ou inconscientemente, mas a verdade é que eles entraram ali de gaiatos para atender desígnios de armações que eram essencialmente políticas. Canu-

dos serviu como uma luva era um chinelo velho para um pé doente, naquela época o pessoal estava precisando de um negócio como Canudos, para poder justificar todo um esquema que estava montado, inclusive a eliminação até mesmo física dos monarquistas e dos jornais monarquistas, como se tentou fazer.

**JP** - Empastelamentos dos jornais...

**N** - Mas veja! Você coloca isso, também é coisa para a gente discutir mais adiante, a isenção como se fosse à sociedade civil exigindo a sociedade civil exigindo isso do Exército, não esquecer que Moreira César também tinha pretensões políticas.

**RF** - E o Exército também era político, o Exército estava envolvido até o pescoço em política.

**N** - Porque eles estavam impregnados pela ideologia do liberalismo naquela época, então não se pode isentar o Alto Comando do Exército na época, que tivesse essa intenção também e não apenas sido um instrumento da sociedade civil, porque isso condenava os civis chamando de casacas

e são os militares que podiam resolver o problema do país e realmente colocar a República como eles imaginavam uma República que realmente não se consolidou até hoje, então não se pode de qualquer sorte, salvo melhor juízo isentar totalmente, mesmo naquela época o Exército.

**RF** – Eu não os isentaria totalmente, totalmente não, porque afinal não eram débeis mentais.

**N** – Seria um atestado de estupidéz.

**RF** – Considerando a documentação que nós temos hoje, esta faceta do episódio Canudos, a documentação é abundante e até mesmo de fácil acesso, que são os jornais, etc. Na coleção de jornais você não vê um único pronunciamento da sociedade civil por qualquer dos seus meios, eu já não falo de jornais não, eu já falo de Associações Filantrópicas, Santa Casa de Misericórdia, que dissesse: “Pessoal, por favor!” Vamos ser um pouco condescendente, trata-se de irmãos, vamos ver como é que se resolve isso, que não seja na violência, você não encontra uma pessoa que seja complacente.

Só lhe digo agora no ardor da discussão, se algum dia você encontrar, por favor, me mande um Xerox, que eu ando atrás disso, que pelo menos fulano de tal, lá na casa do chapéu de palha, a Associação das Beatas da Casa de Caridade, lá da Serra do Cachimbo no Amazonas chegou e disse, pessoal pelo amor de Deus, aguenta um pouquinho, vamos ver, não se pode acabar com essas pessoas desse jeito, nada!

Quem não ficou calado, botou fogo! Uns ficaram calados e outros mais fogo, até de dizer: mais era claro, é necessário exterminar de vez com os inimigos da República, é necessário extirpar pela raiz esse câncer que ameaça corroer o nosso país, quer dizer, não era dizer olha! Precisa meter esse filho da mãe todos na cadeia, esse bando de fanáticos, não! O negócio ia além, era arrasar, acabar, liquidar, não deixar nem carpinha, como a história do cavalo de Átila quando pisava não nascia mais grama, era isso que se pedia escancaradamente, porque, o que é mais de admirar é que geralmente, Nivaldo! Essas tramoias são feitas intramuros, faz-se uma cara bonita para fora, e lá nas suas reuniões secretas, os

senhor  
vai dizer  
ordem  
quidar.  
captura  
como se  
der, rea  
tão, voc  
foram r  
tralhado  
50 ou 6  
para pu

**J**  
to dos  
nando a

**R**  
nheiro,  
Patrióti  
aqui e  
Canudo  
não che  
coletei  
que exis  
e mulhe  
o própr  
pois de  
de gene  
edifican  
durante

senhores generais, os chefes políticos vai dizer, que vai lá apaziguar, mas, a ordem passada para os Oficiais, é liquidar. Como a Polícia faz quando vai capturar bandido, a ordem é matar, como se diz: uma diligência para prender, reagiu, pá! Tem que ser morto, então, você encontram bandidos aí, que foram mortos com 50, 60 tiros de metralhadora como se fosse preciso dar 50 ou 60 tiros num pobre desgraçado para puder matar.

**JP** - Mas não houve um Manifesto dos Estudantes de Direito, condenando a prática do extermínio?

**RF** - Mais isso é posteriori, Pinheiro, olha! Foi o próprio Comitê Patriótico<sup>13</sup> que no fim da guerra, nós aqui e eu por causa dos meninos de Canudos, os jagunçinhos, eu andei, não cheguei a fazer um trabalho, mas, coletei todo o material bibliográfico que existia, onde se referia a meninos e mulheres e tenho essas fichas todas, o próprio Comitê Patriótico, que depois de terminar a Guerra, tem gestos de generosidade e de humanidade, até edificantes, mas o Comitê Patriótico durante a Guerra foi feito para ajudar

os soldados feridos e as famílias, daí a expressão patriótica, que era a Pátria que estava em perigo, o patriótico, porque senão seria o Comitê de Caridade, não, Comitê Patriótico, era a Pátria que estava em perigo, e aqueles patriotas estavam ali se reunindo para ajudar a Pátria a se safar, é depois que as manifestações humanitárias, etc., se revelam, até da própria Igreja, a Igreja não deu um pio, os senhores Bispos, Arcebispos, etc., não teve um que dissesse numa Igreja, pessoal, pará aí, vamos aguentar, somos irmãos, manda uma Comissão de Bispos lá, para apaziguar esse negócio, saí o Exército, a gente vai lá, nada! O pessoal queria o extermínio de tudo!

E daí, a dor de cotovelos dos milicos, que quando eles fizeram o extermínio, o pessoal sai de baixo, e joga a bomba toda pra cima deles, claro os políticos saem de baixo, que não iam assumir, o negócio caiu mal, aí, aquela coisa piedosa das pessoas foi excitada, chegando aqui crianças, mulheres todos acabados, varíola devastando, aí os corações generosos da família baiana se manifestaram, então, tinha que ter

a mea culpa, esse mea culpa não seria os políticos que iam fazer que os políticos sempre estão certos, eles não erram nunca, então joga para cima dos militares e os militares com pouco jogo de cintura assumiram, assumiram, o que dá é isso, é que com a atitude deles, eles assumiram e até o próprio Governador Luiz Vianna, que eu não tenho nenhuma dúvida que estava no centro dessa trama toda, sai de baixo!

N - Isso me ocorre uma coisa, até que ponto a influência da comunicação de massa, através do jornal, não contribuiu para que as pessoas, também fossem induzidas a dizerem assim: vamos exterminar, vamos acabar e ninguém tem um sentimento que eles eram nossos irmãos, a imprensa tem uma culpa muito grande, considerando que a imprensa naquela época era dominada por alguns políticos, então, ela serviu de instrumento e um instrumento altamente eficaz nessa situação.

RF - Mas aí Nivaldo, você vê o seguinte (...)

N - Será que essa história não se repete?

RF - Sempre, sempre, o negócio é esse mesmo, só que ali a coisa é mais trágica, mais dantesca, vamos dizer assim, mas isso a gente está vendo diariamente, a imprensa por mais livre que pretenda ser, servindo aos interesses de grupos, agora, você vê o seguinte: por onde se deveria manifestar, por que canais a chamada sociedade civil? Pela imprensa, pelas Organizações de Classe, as Associações Comerciais, que já existiam, a Santa Madre Igreja Católica, tão detentora de caridade, de generosidade, todos são filhos de Deus, etc., e tal?

O Poder Legislativo que castrado ou não estava em vigor, não vamos esquecer que já era o Governo de Prudente de Moraes, não era mais ditadura militar, pelo menos formalmente, era Prudente de Moraes, havia gente fazendo discurso no Congresso Nacional, desmoralizando com os militares, por outras razões, não por política, com razões sempre políticas, então, todo esse pessoal estava metido na política e os militares também, eles que fizeram a República, eles que deram o primeiro golpe, o grupo florianista que golpeia

os out  
primei  
va ten  
Pruden  
dos ou  
trens  
Legisla  
que de

C  
tem u  
a parte  
gente c  
Porque  
do? Nã  
o Exér  
guador  
por fav  
lá, que  
ra de c  
Bispos,  
esse ho  
nio Co  
para ve  
Bahia,  
nada, v  
diz esfo

O  
Walnic  
precios

os outros do Deodoro, quer dizer, o primeiro governo civil que o país estava tendo, era esse exatamente, esse de Prudente de Moraes, quer dizer, castrados ou não, castrados por ameaças castrenses, ameaçados ou não, havia um Legislativo funcionando, havia gente que defendia teses Monarquistas.

Os discursos estão aí, a gente tem uma parte deles microfilmados, a parte que se refere a Canudos, havia gente que criticava Floriano e por quê? Porque, o que eu imagino, sabe Nivaldo? Não era um libelo terrível contra o Exército, não, era uma coisa apaziguadora, dizer, Senhor Ministro, olha, por favor, mande deter essa matança lá, que nós vamos tentar uma maneira de conciliar, falar com os senhores Bispos, para mandar uma Comissão, esse homem é religioso, esse Antônio Conselheiro, mandar os Bispos lá para ver, reunir com o Governador da Bahia, encontrar uma maneira suave, nada, você só vê quem não diz mata, diz esfole e aí?

O livro (No Calor da Hora) de Walnice Nogueira Galvão é uma coisa preciosa, pau, pau, pau, pau, pau,

zombando qualquer Oficial do Exército que fizesse alguma observação, assim, menos feroz, aí, logo era apontado como covarde, quantos Oficiais do Exército pediram baixa, para não ir para Canudos? Bom, no meio desses, vamos supor que a maioria, estaria com medo, vamos supor, mas não é lícito supor desde quando havia Oficiais que haviam tomado parte na Guerra do Paraguai e não tiveram medo, não será que esses Oficiais estavam se recusando pedindo baixa a tomar parte num negócio daqueles por questões morais? Eu acho que se pode supor isso também, compreendeu?

**N** - Houve casos desses também?

**RF** - E não somente de covardes que não estava querendo ir, mas se o sujeito dissesse qualquer coisa, é covarde. Conselho de Guerra a julgar esses caras.

**XX** - Na escolha de Arthur Oscar foram escolhidos outros Generais, mas eles não aceitaram, por conta do tipo, da natureza da questão.

**RF** - E o Arthur Oscar, ali só dava Floriano, nos gritos: Viva ao Bom Jesus! Viva a República! Viva Floria-

no! Havia toda uma tendência entre os militares que estavam em Canudos e também por vedetismo, as próprias disputas pessoais entre Coronéis que queriam ser Generais, como é caso do Coronel Telles e o Coronel Serra Martins, que disputavam aparecer mais.

O comandante, o Arthur Oscar que mandava as notícias da guerra por telegrama para mulher dele em Recife, dizendo: “mande para os jornais etc.” naturalmente para os jornais que já eram combinados com ele, porque isso não é digamos Nivaldo, um terreno movediço, como daqui para trás a gente estava caminhando num terreno mais ou menos movediço, você me fez algumas perguntas e eu tive que lhe dizer: “Olha eu não tenho documentos para lhe mostrar, eu chego a essas conclusões jogando com uma coisa e outra, mas aqui, a gente já tem uma massa de documentos bastante razoável, documentos fidedignos que consta tivesse sido falsificado, alterado, nem coisa nenhuma, quando a gente toma pé num negócio desses, você vai supor que houve causa socioeconômicas etc., que fosse a razão do levante de Canudos”, não foi?

O centro político estava dentro do Rio de Janeiro, isso foi uma armação, feita no Rio, que Canudos encaixou como eu disse: um chinelo velho num pé doente e encaixou aos poucos, na Expedição Pires Ferreira, ainda não tinha encaixado não, aquilo foi um episódio local, onde um Governador resolve apelar para o General, como quem pede um carro emprestado, sabe? Me arruma aí, para eu resolver esse problema, está o Juiz aí, me aporreando, ninguém era capaz de supor o potencial que estava dentro de Canudos, ninguém supôs, nem Luiz Vianna nem ninguém. Aí acontece o que acontece com a Primeira, vai a Segunda, acontece à mesma coisa, aí nego manjou, tem um troço na Bahia que está encaixando. Então, quando vem Moreira César... Fim.

## NOTA

<sup>1</sup> **Arlino**  
1869-1  
de Rec  
de Juaz  
político  
tando  
LLA, p.

<sup>2</sup> **Queb**  
atualme  
Consell  
Antônio  
num di  
paredes  
de impc

<sup>3</sup> **Cícero**  
moabo,  
rio de te  
influent

<sup>4</sup> **Luiz Vi**  
magistra

<sup>5</sup> **Genera**  
**Ribeiro**  
lítico bra  
Ministro  
relaciona  
no interi  
ram luga  
Militar.

<sup>6</sup> **Parte de**  
ou escrit  
unidade c

<sup>7</sup> **Médico**  
acompan

## NOTAS

<sup>1</sup> **Arlindo Leoni** - Arlindo Augusto Leoni, 1869-1936, bacharelou-se pela Faculdade de Recife. Foi Juiz de Direto da Comarca de Juazeiro. No século XX, foi um atuante político. Em 1923 era deputado, representando a Bahia na Câmara Federal. (VILLA, p. 169, 1997.)

<sup>2</sup> **Quebra das Tabelas** - Em Natuba, atualmente Nova Soure e não em Bom Conselho, hoje Cícero Dantas, quando Antônio Conselheiro reuniu o seu séquito num dia de feira e autorizou arrancar das paredes e queimar os editais de cobrança de impostos.

<sup>3</sup> **Cícero Dantas Martins** - Barão de Jeremoabo, (1838 - 1903), poderoso proprietário de terra na região de Itapicuru, político influente, grande articulista.

<sup>4</sup> **Luiz Viana** (1846 -1920) - Foi político e magistrado brasileiro.

<sup>5</sup> **General Frederico Sólton de Sampaio Ribeiro** (1839-1900) - Foi militar e político brasileiro. Elaborou o relatório ao Ministro da Guerra, sobre fatos que se relacionam as expedições da força Federal no interior do Estado da Bahia e que tiveram lugar no seu comando no 3º Distrito Militar.

<sup>6</sup> **Parte de Combate** - Comunicação verbal ou escrita sobre um fato do interesse da unidade ou do militar.

<sup>7</sup> **Médico** - Antônio Alves dos Santos acompanhou a expedição, após os comba-

tes começou a apresentar, segundo Pires Ferreira “Sintomas de desarranjo mental”, não sendo possível mantê-lo na sua função (VILLA, p. 170, 1997).

<sup>8</sup> **Parque Estadual de Canudos** - PEC, Criado no Município de Canudos, o Parque Estadual de Canudos, Decreto nº 33.333, de 30 de junho de 1986. Localizado em uma área de 1.321 hectares. Sinalizado, abriga sítios onde foram montados acampamentos militares, hospitais, cemitérios de soldados e seguidores de Antônio Conselheiro e trincheiras para batalha.

<sup>9</sup> **Batalhão Talentoso** - Designação dada a Tropa do General Cláudio do Amaral Savaget.

<sup>10</sup> **Tristão Alencar Araripe** - Expedições Militares contra Canudos (Seu Aspecto Marcial. Rio de Janeiro, Imp. do Exército p.260,1960.)

<sup>11</sup> **Walnice Galvão** - No Calor da Hora - A Guerra de Canudos nos Jornais - 4ª Expedição, 3ª Edição, 1994.

<sup>12</sup> **Pethion de Villar** - Em “Médicos Ilustres da Bahia” sob o nº 117 da longa lista editada pelo Prof. Geraldo Leite: “Egas Moniz Barreto de Aragão (Pethion de Villar) nasceu em Salvador, em 4 de setembro de 1870. Ingressou na Faculdade de Medicina da Bahia, pela qual diplomou-se em 1896. Foi eleito Deputado Estadual em 1921 e 1923. Além de médico e professor, jornalista, homem de letras, historiador, educador e, acima de tudo, poeta. Na senda das letras, usava o pseudônimo de Pethion de Villar. No “Diário de Noti-

cias”, mantinha uma coluna humanística, com o pseudônimo de Diavolina. Foi um dos fundadores da Academia de Letras da Bahia. Como homem de ciência, fez parte de inúmeras Instituições científicas e publicou alentada bibliografia em periódicos do Brasil e do exterior. Dele, escreveu Afrânio Peixoto: “...Pethion de Villar lutou com Egas Moniz Barreto de Aragão, que o venceu.” Amigo de Euclides da Cunha, a pedido deste, ia traduzir “Os Sertões” para o idioma francês. Todavia, as inúmeras revisões de Euclides dificultaram esta tarefa, que não chegou a ser realizada.

<sup>13</sup> **Comitê Patriótico** - Foi Fundado em Salvador a 28 de julho de 1897, por Lélis Piedade para receber os soldados feridos, inutilizados para uma guerra ainda em curso, mas, ao chegar na região dos conflitos e presenciar as atrocidades que os oficiais, soldados, comerciantes e latifundiários estavam praticando contra os sobreviventes, incorporou também o trabalho de proteção às “crianças e mulheres sertanejas que, nas praças de guerra, eram distribuídas, a torto e a direito, chegando-se até a separação de irmãos e de mães e filhos. socorrer as vítimas da Guerra de Canudos.